

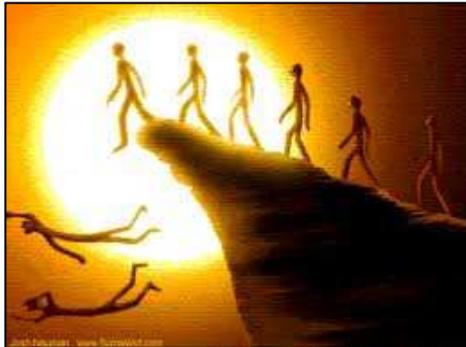
A marcha dos insensatos

"Aqueles que falham em suas tarefas diárias mostram uma tendência para buscar o impossível. Trata-se de um dispositivo para camuflar as suas falhas. Quando falhamos ao buscar o possível a culpa é somente nossa, porém quando falhamos ao tentar o impossível nós somos justificados atribuindo o fracasso ao tamanho da empreitada" Eric Hoffer, The True Believer

A frase acima reflete bem o que vai pela cabeça da maioria dos líderes de nosso continente. Há uma busca desenfreada pela utopia. Em alguns lugares, como na vizinha Argentina, os problemas do dia-a-dia já são volumosos e mesmo assim eles miram o impossível e sacrificam o possível. **No Brasil ainda vivemos em festa, por hora.**

O grande evento do mês foi a expropriação (ou roubo mesmo, já que há sérias dúvidas se será pago um preço justo ou mesmo algum preço) da empresa petrolífera argentina YPF pelo governo argentino da espanhola Repsol. O que se pode falar de um país que, unilateralmente, quebra contratos? **Após um calote em sua dívida externa em 2001, de novo um ato de violência contra o investidor.** Quantos anos a Argentina levará para voltar a atrair investimentos externos?

Alguns dias depois, o presidente da Bolívia, tomado de inveja de sua colega argentina, também expropriou a empresa de energia elétrica local. Lembrando que a Venezuela de Chávez só faltou estatizar as barraquinhas de churros. É claro que algum desavisado poderia argumentar que o Brasil já se diferenciou desses bufões por não ter quebrado contratos após a eleição de Lula em 2002. Será mesmo? **Quando a nossa presidente ordena que os bancos oficiais (responsáveis por 50% do crédito em todo país) reduzam os juros de forma artificial o que podemos inferir?** Que ela persegue os mesmos objetivos de sua colega Cristina, apenas de forma um pouco mais delicada. Por enquanto.



Qual o pecado original dessa autêntica marcha dos insensatos? **Essa gente realmente crê que, do alto de suas salas de controle, podem intervir de maneira milimétrica na vida das pessoas e das empresas e com isso guiar a sociedade para um futuro glorioso.** Eles ignoram os rudimentos básicos da economia e da história. Repetem os mesmos erros do passado recente vividos por Cuba, Coreia do Norte, leste europeu, etc.

Um exemplo disso é, novamente, a Argentina. Para estancar uma fuga de dólares que se acentuou em 2011, a presidente Cristina K. resolveu que o país não importaria mais nada. Os empresários que tentaram desobedecê-la receberam ligações ameaçadoras do secretário de comércio, Guillermo Moreno. Os mandatários do vizinho, de fato, acreditam que basta uma canetada e umas ligações para equilibrar a balança comercial. Pois bem, as importações já caíram em 30%, mas o custo disso é um país de prateleiras vazias nos mais diversos itens como pneus, remédios, componentes para computador e até eletrodomésticos prosaicos como um ferro de passar roupa. Quem comemora são os comerciantes do Uruguai, que recebem hordas de argentinos em busca de produtos básicos. **O povo argentino, que já convivia com uma inflação de 25% ao ano, pode se preparar para mais inflação. Afinal, como Sarney e os bois no pasto já sabem, desabastecimento e inflação são gêmeos siameses.**

E como esse aprofundamento do populismo de esquerda (por toda parte) tem afetado os mercados financeiros?

Para começar, **o dólar, que deixou de ser flutuante e agora se transformou em mais um preço administrado pelo governo.** Na contra mão das outras moedas emergentes, o real já se desvalorizou 21% nos últimos 12 meses. Fazendo uma continha rasteira: com os preços atuais dos produtos de vestuário em Miami, teríamos de ter o dólar em R\$ 3,50 para recobrar a competitividade. Com certeza, o dólar em R\$ 1,90 não nos transforma numa Coreia do Sul mas passa a impressão que o governo está fazendo alguma coisa.

Naturalmente, essa cortina de fumaça tem seu custo. Nossas imensas reservas internacionais têm um custo anual estimado de R\$ 45 bilhões por ano. **Um pouco de sensatez recomendaria foco nas reformas estruturais, que nunca chegam, para o país recobrar a competitividade e usar melhor este dinheiro.**

No mercado acionário, a cada dia que passa, o número de empresas nas quais podemos investir diminui. A Petrobrás já há algum tempo é um ministério e não uma empresa comprometida com seus acionistas. A Vale do Rio Doce teve o seu eficiente presidente apeado do cargo em troca de outro mais simpático aos pleitos do Planalto. O Banco do Brasil foi obrigado a reduzir seus preços "na marra". Podemos esperar piores resultados e mais inadiplência. Com a pressão feita pelos bancos oficiais, os bancos privados listados na bolsa também deixam de ser uma opção atrativa, afinal terão de escolher entre perda de rentabilidade ou perda de participação de mercado. **A intromissão desse governo na economia é tão brutal que todo trabalho de seleção e análise que o gestor realiza se torna quase que inútil.** Não é a toa que mesmo com crescimento econômico, a bolsa brasileira não sai do lugar nos últimos anos.

Na renda fixa, a presença do governo se faz mais ostensiva. Os juros básicos são tabelados pelo Banco Central. Porém sempre seguiram uma lógica, ditada pelo modelo de metas de inflação. A atual gestão do BC informalmente abandonou a meta de inflação e segue as diretrizes do Ministério da Fazenda. Naturalmente, não temos mais uma consistência nos comunicados após as reuniões do COPOM, o que é dito num mês é desdito sem maior pudor no mês seguinte. Um amigo, economista-chefe de um dos maiores bancos do Brasil, me confidenciou em *off* que ele agora parecia "débil mental" pois tinha que ficar refazendo projeção de taxa de juros todos os meses. **O principal preço da economia não segue balizadores técnicos e sim políticos.**

O que nos parece claro é o objetivo do governo em ter (não importa como) um ambiente de juros reais (já descontando a inflação) bem baixos ou até iguais a zero. O dilema do investidor é se deve ficar em aplicações pós-fixadas amargando eventuais perdas para a inflação ou se assume mais riscos em títulos atrelados à inflação (que já se valorizaram bastante). **Afinal a grande dúvida de todos é como o BC irá atuar quando a inflação voltar a subir?** Elevarão os juros trazendo perdas aos detentores de papéis pré-fixados e indexados à inflação? Ou a inflação será tolerada como acontece na Argentina?

Politicamente falando, o governo percebeu, faz tempo, que o que importa para a população é emprego e renda. Valores republicanos como ética, transparência e seriedade com a coisa pública não ganham eleições no Brasil. **O nome do jogo no Brasil é manter a "bola no ar" e segurar o crescimento econômico a qualquer custo.** Toda e qualquer decisão de investimento deve partir desta premissa, ao menos enquanto a festa durar.